



Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas 2

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2019



Ciências Humanas: Características Práticas, Teóricas e Subjetivas 2

**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos
(Organizadores)**

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	<p>Ciências humanas [recurso eletrônico] : características práticas, teóricas e subjetivas 2 / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências humanas: características práticas, teóricas e subjetivas; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-885-4 DOI 10.22533/at.ed.854192312</p> <p>1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2019

APRESENTAÇÃO

Ciências Humanas: características práticas, teóricas e subjetivas – Vol. II, coletânea de vinte e oito capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Humanidades.

Os capítulos aqui organizados pautam distintos conteúdos que são ou que dialogam com as Humanidades. Isso, por si só, já demonstra o caráter plural e transdisciplinar dessa vertente do saber. Passando já para os capítulos, temos discussões sobre: migrações transnacionais, cultura política, gênero, identidade e representação presidencial, machismo e feminismo, colonização, plano diretor, espaço urbano, avaliação de cursos, assistência estudantil, agir comunicativo, saúde mental, aprisionamento, suicídio, maternidade, a realidade da Catalunha, estado, FUNAI, publicidade, adaptação e tradução, arte, literatura, religião, filosofia da religião e empresas. Todos estes que, de igual modo, merecem singular atenção.

Tenham excelentes diálogos!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PERSPECTIVAS DA SOCIOLOGIA HISTÓRICA NO CONTEXTO DAS MIGRAÇÕES TRANSNACIONAIS	
Patricia Bosenbecker	
DOI 10.22533/at.ed.8541923121	
CAPÍTULO 2	14
A CULTURA POLÍTICA DO VARGUISMO NO BRASIL E DO PERONISMO NA ARGENTINA: UM DIÁLOGO COM A OBRA “MULTIDÕES EM CENA” DE MARIA ROLIM CAPELATO	
Luiz Eduardo Pinto Barros	
DOI 10.22533/at.ed.8541923122	
CAPÍTULO 3	25
PERSPECTIVAS DE GÊNERO A PARTIR DA IDENTIDADE FEMININA NA REPRESENTAÇÃO PRESIDENCIAL DO BRASIL, CHILE E ARGENTINA	
Danielle Jacon Ayres Pinto Giuliana Facco Machado Yasmine Pereira Sensão	
DOI 10.22533/at.ed.8541923123	
CAPÍTULO 4	38
MACHISMO E FEMINISMO NA INTERNET: ANÁLISE DA PÁGINA “DESQUEBRANDO O TABU”	
Carolina Pinaffi Valerio Alvaro Marcel Palomo Alves	
DOI 10.22533/at.ed.8541923124	
CAPÍTULO 5	49
ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DE CAMPO MOURÃO (1900-1960)	
José Carlos dos Santos Astor Weber	
DOI 10.22533/at.ed.8541923125	
CAPÍTULO 6	62
CANDIOTA E O PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO: A ELABORAÇÃO DE UM PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO	
Renan Rosso Bicca José Leonardo de Souza Castilho Magali Nocchi Collares Gonçalves Maria Elaine dos Santos Leon Maria de Fátima Schimidt Barbosa Ariadne Costa Leal	
DOI 10.22533/at.ed.8541923126	

CAPÍTULO 7	70
AS DINÂMICAS SÓCIO-ESPACIAIS E A RELAÇÃO ESPAÇOS PÚBLICOS X SHOPPING CENTERS NA DISPUTA PELA TITULARIDADE DE ÁGORAS CONTEMPORÂNEAS NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO EM FORTALEZA – CEARÁ	
Frederico Augusto Nunes de Macêdo Costa	
DOI 10.22533/at.ed.8541923127	
CAPÍTULO 8	82
AVALIAÇÃO DE RISCOS EM AEROPORTOS REGIONAIS: ESTUDO DE CASO NO AEROPORTO PRESIDENTE ITAMAR FRANCO, GOIANÁ, MG	
Geraldo César Rocha Edinaldo Muller Júnior	
DOI 10.22533/at.ed.8541923128	
CAPÍTULO 9	88
CRUZAMENTO DE DADOS COMO FERRAMENTA DE PROSPECÇÃO DE RISCO GEOLÓGICO EM ÁREAS URBANAS	
Rubem Porto Jr Beatriz Forny Beatriz Paschoal Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.8541923129	
CAPÍTULO 10	99
AVALIAÇÃO DOS CURSOS DE BACHAREL EM GESTÃO AMBIENTAL NO BRASIL	
Angel Nascimento Santos Ricardo Ribeiro Alves Djulia Regina Zieman Jéssica Alves da Motta Júlia Gama de Simão	
DOI 10.22533/at.ed.85419231210	
CAPÍTULO 11	106
AS TENDÊNCIAS DA ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL NOS ANOS 2000: A PARTICULARIDADE DA UPE	
Fernanda Eduarda Silva Rodrigues da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.85419231211	
CAPÍTULO 12	116
O AGIR COMUNICATIVO NO CONTEXTO DAS AÇÕES BI-SETORIAIS: A RODA SOCIALIZADORA NO CENÁRIO DO GRANDE BOM JARDIM	
Emanoel Márcio da Silva Rodrigues Cleide Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.85419231212	
CAPÍTULO 13	128
O PAPEL DO CAPS III NOS SERVIÇOS SUBSTITUTIVOS DE SAÚDE MENTAL DE BOA VISTA – RORAIMA	
Daniela Cristina da Silva Melo	

Aliã da Silva Carvalho
Janaine Voltolini de Oliveira
Ilderson Pereira Silva

DOI 10.22533/at.ed.85419231213

CAPÍTULO 14 135

PERFORMANCE DE CORPOS APRISIONADOS: UMA ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE DE HOMENS PRIVADOS DE LIBERDADE COM HIV/AIDS

Isabella Beatriz Gonçalves Lemes
Cássia Barbosa Reis

DOI 10.22533/at.ed.85419231214

CAPÍTULO 15 143

REFLEXÕES SOBRE O SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

Carla Dornelles da Silva
Sales Gama da Silva

DOI 10.22533/at.ed.85419231215

CAPÍTULO 16 151

REALIZANDO VALORES ATRAVÉS DA MATERNIDADE

Simone Guedes Alves Gomes dos Santos
Veridiana da Silva Prado Vega

DOI 10.22533/at.ed.85419231216

CAPÍTULO 17 155

CATALUÑA INDEPENDIENTE: ¿UTOPIA O REALIDAD?

Raquel Gonçalves Vieira Machado de Melo Morais

DOI 10.22533/at.ed.85419231217

CAPÍTULO 18 166

ESTADO WESTFALIANO VERSOS ESTADO-NAÇÃO E SEUS REFLEXOS NAS COLÔNIAS DA AMÉRICA LATINA

Pedro Henrique Chinaglia
Waleska Cariola Viana

DOI 10.22533/at.ed.85419231218

CAPÍTULO 19 184

OS TERENA DE MATO GROSSO DO SUL E A CARTEIRINHA DA FUNAI: DE SIGNO MATERIAL DA TUTELA À RESSIGNIFICAÇÃO

Patrik Adam Alves Pinto
Victor Ferri Mauro

DOI 10.22533/at.ed.85419231219

CAPÍTULO 20 198

EXPRESSÃO CORPORAL A PARTIR DA VIVÊNCIA NA TRILHA DO CERRO DO JARAU

Maria Elisabeth Valls de Moraes

DOI 10.22533/at.ed.85419231220

CAPÍTULO 21	203
A PUBLICIDADE E O PÚBLICO INFANTIL: UMA DISCUSSÃO SOBRE A REGULAÇÃO DA PUBLICIDADE NA TELEVISÃO	
Kewlliane Fernandes de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.85419231221	
CAPÍTULO 22	213
A CANÇÃO E SUA VERSÃO: PROCEDIMENTOS DE ADAPTAÇÃO/TRADUÇÃO NAS CANÇÕES DE DESENHOS DE PRINCESAS DO ESTÚDIO DISNEY	
Viviane Alves Melo Almada Edson Carlos Romualdo	
DOI 10.22533/at.ed.85419231222	
CAPÍTULO 23	242
LIVRO DE ARTISTA E O UNIVERSO DAS PALAVRAS: MIRA SCHENDEL E TORRES GARCÍA	
Priscilla Barranqueiros Ramos Nannini	
DOI 10.22533/at.ed.85419231223	
CAPÍTULO 24	255
A PERSPECTIVA FEMININA EM LA MUJER QUE LLEGABA A LAS SEIS E MARIA DOS PRAZERES, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Evellyn Freitas Bibiano Joana de Fátima Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.85419231224	
CAPÍTULO 25	269
A(S) CIÊNCIAS(S) DA RELIGIÃO E A IMPORTÂNCIA DA INTERDISCIPLINARIDADE: UMA ANÁLISE DA COMPREENSÃO CIENTÍFICA E AUTÔNOMA SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.85419231225	
CAPÍTULO 26	275
O CARDEAL JOSEPH RATZINGER E A CRÍTICA A ALGUNS ASPECTOS DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO	
Bruno Fernandes Mamede	
DOI 10.22533/at.ed.85419231226	
CAPÍTULO 27	289
SUA EMPRESA PODE ESTAR DOENTE	
Sandra Oliveira Ferrão Vanderlei Souto dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.85419231227	
CAPÍTULO 28	297
O EXERCÍCIO DA DOCÊNCIA: A PRÁTICA DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO	

FÍSICA DE UMA UNIVERSIDADE PRIVADA

Rafael Silveira da Mota
Jaison Marques Luiz
Veronice Camargo da Silva
Mauricio Aires Vieira
Rafael Silveira da Mota

DOI 10.22533/at.ed.85419231228

SOBRE OS ORGANIZADORES.....	304
ÍNDICE REMISSIVO	305

ANÁLISE DAS NARRATIVAS SOBRE A HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DE CAMPO MOURÃO (1900-1960)

José Carlos dos Santos

Unioeste, Cascavel/Pr

Astor Weber

Unespar, Campo Mourão/Pr

RESUMO: O texto apresenta uma análise das narrativas que *contam* a história da colonização de Campo Mourão (1900-1960). Foram estudados artigos, dissertações, teses e obras de autores locais. Foi feita uma análise comparativa dessa bibliografia para verificar as possíveis controvérsias interpretativas sobre a história dessa colonização. Realizada a comparação constatamos que houve uma interpretação distinta dessa história que se enveredou para uma proposta de divisão em quatro perspectivas de macro análise. A primeira perspectiva remete-se aos geógrafos das décadas de 1950 a 1980 que afirmam que a colonização foi um momento importante para a evolução econômica e social da região. A segunda apresenta o estudo de geógrafos das décadas de 2000 a 2010 que concluem que a colonização trouxe problemas sociais e ambientais graves para a região. A terceira desenvolvida por um historiador e um antropólogo segue o entendimento da segunda, porém se preocupa em mostrar que os índios e caboclos não foram apenas vítimas da colonização, mas também sujeitos históricos.

A quarta apresentada por obras da bibliografia local (1975 a 2010), segue a primeira, porém não enfatiza a necessidade de substituição do índio e do caboclo pelo migrante para que haja essa evolução. Concluímos que as diferentes perspectivas da história dessa colonização estão relacionadas ao tempo da construção dessas narrativas, mas, muito mais, entrelaçadas ao lugar social e cultural de sua produção.

PALAVRAS-CHAVE: Colonização; Campo Mourão; Narrativas; Perspectivas.

ANALYSIS OF NARRATIVES ABOUT THE COLONIZATION HISTORY OF THE CAMPO MOURÃO REGION (1900-1960)

ABSTRACT: The text presents an analysis of the narratives that tell the history of the colonization of Campo Mourão (1900-1960). Articles, dissertations, theses and works by local authors were studied. A comparative analysis of this bibliography was made to verify the possible interpretative controversies about the history of this colonization. Having made the comparison, we found that there was a different interpretation of this story that led to a proposal of division into four perspectives of macro analysis. The first perspective refers to geographers from the 1950s to 1980s who claim that colonization was an important moment for the economic and social evolution of the region.

The second presents the study of geographers from 2000 to 2010 who concluded that colonization brought serious social and environmental problems to the region. The third developed by a historian and an anthropologist follows the understanding of the second, but is concerned to show that the Indians and caboclos were not only victims of colonization but also historical subjects. The fourth presented by works from the local bibliography (1975 to 2010) follows the first, but does not emphasize the need to replace the Indian and the caboclo with the migrant for this evolution. We conclude that the different perspectives of the history of this colonization are related to the time of the construction of these narratives, but much more intertwined with the social and cultural place of their production.

KEYWORDS: Colonization; Campo Mourao; Narratives; Prospects.

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar os resultados alcançados da análise de narrativas que *contam* a história da colonização da região de Campo Mourão (1900-1960). Foram estudadas grande parte da bibliografia local, artigos, dissertações, teses e obras historiográficas que discorrem sobre a temática. Num primeiro enfoque, nos propusemos verificar como cada autor apresentou as etapas da colonização de Campo Mourão, para depois direcionar a análise das controvérsias interpretativas. Estas etapas, fundados na perspectiva do calendário civil, permitiu a sugestão de divisão do processo de colonização da região de Campo Mourão em quatro perspectivas de macro análises distintas. Porém, se é possível apontar que há consenso em relação à periodização e a classificação das etapas da colonização, o mesmo não ocorre em relação a um tempo da narrativa.

Como bem lembram autores como Revel (1999), Pollak (1989), Bourdieu (1996) e Certeau (2013), o ato de narrar corresponde sempre a um lugar social em que o narrador está situado; há sempre um posicionamento político deste no enfrentamento do tema que se propõe elucidar. As narrativas sobre o sentido do local, portanto, serão a seguir exploradas como sentidos historicamente construídos, demonstrando uma espacialidade de seus autores e uma territorialidade cultural (Deleuze e Guatarri) que fornecem instrumentos e conceitos para a produção de seu saber.

2 | METODOLOGIA

Iniciamos a análise pela leitura e fichamento dos artigos e textos da década de 1950 a 1980, depois pelas dissertações e teses da década de 2000 a 2010, por fim pela bibliografia local, de 1975 a 2010. Seguimos uma leitura de ordem cronológica

de sua produção. Conforme avançava na leitura percebemos que as etapas da colonização e da sua classificação não apresentavam grandes diferenças, ao passo que as interpretações sobre a colonização da região de Campo Mourão recebiam diferentes abordagens interpretativas.

Em relação às etapas observamos como elas eram divididas temporalmente e quais os critérios utilizados para a classificação dessas etapas e constatamos que seguiam praticamente a mesma proposta de divisão. Em virtude de não haver grande diferença no entendimento das etapas e da classificação da colonização, detivemo-nos em esboçar quais e como as controvérsias interpretativas são apresentadas.

O primeiro grupo é composto pelos geógrafos como Lysia M. C Bernardes (1952; 1953) e Odah R. G. Costa (1976), geógrafos. O segundo grupo também composto por geógrafos como Antonio N. Hespanhol (1990), Sara M. P. Soriano (2002), Gisele R. Onofre (2005; 2011), Ivanete P. M. da Silva (2008), Áurea A. V. de Andrade (2013) e Edson N. Yokoo (2013). No terceiro grupo enquadram-se principalmente os historiadores como Lúcio T. Mota (2008; 1994) e Ely B. de Carvalho (2008). No quarto grupo encontram-se advogados, jornalistas, uma pedagoga/teóloga e um historiador.

Ao encaminhar a análise observa-se que a primeira perspectiva, que se baseia em artigos de geógrafos das décadas de 1950 a 1980, tende a tratar a colonização dirigida pós-1940 como momento importante de desenvolvimento econômico, agrícola e estrutural para a região, de civilização para os índios, os caboclos e os migrantes que ali viviam. Narram que era também o momento do Estado atuar para superar o *problema do vazio demográfico* em que se encontrava a região, ou seja, naquele momento, os geógrafos justificam e cobram a ação do Estado na *ocupação* daquele espaço. Há, portanto, no contraponto da narrativa destes autores, um nível de realidade local observável e um outro, metafísico enquanto algo que se deseja, que serve como imagem interpelada. Progresso e modernização que deve ser conhecido e anunciado e que devia passar pelo seu crivo, o local. Metáforas e realidade se encontram, na escrita.

A segunda perspectiva que tem como fonte dissertações e teses de geógrafos da década de 2000/2010 tende a denunciar a colonização dirigida. Seria o momento da ascensão do capitalismo, do desenvolvimento econômico e estrutural, porém que gerou graves problemas sociais e ambientais para a população da região. Os índios, os caboclos e os migrantes pobres não se beneficiaram e sim foram vítimas desse progresso e processo civilizatório.

Estas narrativas já não são “construtoras”, com um sentido de trazer a metáfora para organizar o local. Elas já assumem a postura de “revisoras” e olhando mais para “partes” que ao todo. Se nas primeiras passou-se a noção de que ao final da história haveria um conagraçamento geral dos grupos sociais na forma de uma população,

na postura revisora se aponta a sua impossibilidade e volta a identifica os mesmos grupos não congoçados como os abandonados da história.

A terceira perspectiva, que tem como fonte uma tese do historiador Carvalho e as obras de Mota, discorda da primeira e concorda em partes com a segunda perspectiva. Eles tendem a denúncia, como na segunda, dos problemas sociais que a comercialização da terra e o desflorestamento trouxeram à região e do processo de perda de terras pelos índios, caboclos e migrantes pobres com a infiltração do capitalismo e modernização do *sertão*. No entanto, há uma diferença fundamental em relação à segunda: para eles não se devem considerar os índios e os posseiros apenas como vítimas da colonização modernizante e capitalista, mas devem ser compreendidos como sujeitos que não só resistiram, mas lutaram e negociaram com o proprietário e o próprio Estado pelo direito à posse de sua terra. Nesta os sujeitos apontados somente numa perspectiva revisora, assumem o seu lugar na própria historia local, sendo narrados como possuidores de uma história sua e social.

Quando analisamos as leituras da bibliografia local (1975 a 2010) constata-se que ela tende a se assemelhar muito com a perspectiva dos geógrafos da década de 1950 a 1980. Os autores locais também tratam a colonização como uma importante fase de emancipação, de desenvolvimento, de progresso, de civilização e de modernização da região. Um passado que deve ser conhecido e glorificado, porque graças a esse tipo de colonização que Campo Mourão e região se desenvolveram. Um passado que deve ser lembrado, anunciado e constantemente lembrado as gerações do presente e do futuro. As obras locais justificam e enaltecem os migrantes e não propõem uma solução para o *problema do vazio demográfico* local, que, afinal, é um tema que envolvia todo o Estado, exceto o litoral. Não afirmam que os índios e caboclos devem ser simplesmente substituídos pelos migrantes e imigrantes. A produção das obras possuem uma relação mais direta com o poder público local, pretendem enaltecer o passado e não propor e justificar os encaminhamentos racionais e modernizantes da colonização da região na década de 1940.

A produção bibliográfica local se inicia na década de 1970 e se prolonga até os dias de hoje. Porém, a maior parte das produções é da década de 1990 em diante. Analisamos em torno de 10 obras locais. O que chama atenção é a diversidade de formação profissional desses autores, pois foram escritas por advogados, jornalistas, uma pedagoga/teóloga e um historiador. Há uma produção de textos de iniciativa privada, mas na sua maioria foi financiada pela Prefeitura local e seus órgãos. Este pertencimento da escrita é de grande expressão pois revela o comprometimento não só de seus autores, mas sobretudo, do sentido das narrativas.

3 | RESULTADOS DA PESQUISA

Para chegar a essa proposta de divisão de perspectivas apresentadas anteriormente, tivemos que problematizar algumas temáticas mais específicas. Como já foi dito, ao tratar das etapas da classificação e periodização do que foi a colonização espontânea e dirigida na região os autores praticamente se posicionam de forma idêntica. Porém, algumas temáticas mais específicas nem sempre são abordadas de forma semelhante. Essas discrepâncias que nos fizeram enveredar para uma proposta de divisão das perspectivas já apresentadas.

Dentre essas especificidades destacam-se a diferença entre: colonização espontânea versus colonização dirigida; o caos versus a racionalidade; a prática da coivara e do semi-nomadismo dos caboclos versus agricultura moderna; a evolução versus o primitivismo; a posse versus a distribuição democrática de terras na região; a confusão versus a ordem; o *sertão* versus a modernização; o desenvolvimento econômico como problema ou solução ambiental e social; o índio, o posseiro e o lavrador pobre na história da colonização como vítima e/ou sujeito; o processo de desterritorialização ou territorialização, ocupação ou reocupação da região; O Estado e o capital como agentes da colonização e/ou a posse como motivo da colonização; violência ou não na disputa pelas terras e o papel social do pesquisador no estudo da história.

Por exemplo, em relação à ocupação de terras na região de Campo Mourão, os geógrafos da década de 2000 a 2010, denunciam essas práticas que são realizadas a partir da década de 1940 pelo estado paranaense por não terem sido realizadas de forma democrática e de maneira conflituosa. Para Bernardes (1953) e Costa (1976) essa colonização dirigida pelo Estado superou a colonização espontânea, foi democrática, em nome da pluralidade das raças, feita de forma harmônica, que priorizava o minifúndio e que trouxe desenvolvimento econômico-social para a região. Para essas autoras a intervenção estatal trouxe racionalidade, desenvolvimento econômico e modernidade local. Um passado edificante, de aprendizados e que construiu um presente glorioso visível na sociedade contemporânea regional, portanto um saldo positivo. Já nas interpretações mais contemporâneas há um tom de denúncia em que as práticas colonialistas do Estado em nome do capitalismo provocaram a desterritorialização e reocupação do espaço prejudicando os índios e lavradores pobres que viviam na região e, conseqüentemente trouxe problemas ambientais e sociais graves visíveis na região nos dias de hoje. Um passado como exemplo pedagógico de práticas que trouxeram mais prejuízos à sociedade e ao presente do que benefícios. Portanto, um saldo negativo. Esses autores lembram em seus textos que o papel social do pesquisador é de denunciar essas práticas passadas para compreensão do nosso presente e auxílio na construção de um futuro

melhor. Na perspectiva anterior, a metáfora do desenvolvimento não abre lugar para a compreensão das partes, das diversidades.

Sobre a colonização da região de Campo Mourão destacam-se as obra de Brzezinski (1975), Santos (1995), Simionato (1996, 2008, 2010), Veiga (1999) e Santos Júnior (2005, 2006, 2009, 2010) e outros. Observa-se que esses autores tratam a história da colonização da região de forma muito próxima a de Bernardes (1953) e Costa (1976) que apresentam a colonização como um momento importante de desenvolvimento econômico, agrícola e estrutural. Nestas narrativas, o passado da história da região de Campo Mourão é apontado como um momento de progresso e modernização que deve ser conhecido e anunciado. Há de se destacar que a sequencia de fatos considerados importantes para a história da colonização da região de Campo Mourão foram trazidas pelas obras locais e são as mesmas referências usadas pelas produções subsequentes dos geógrafos da década de 2000 a 2010. Ou seja, os narradores contemporâneos não contestam os elementos apontados como um passado real dos grupos sociais e a partir deles, criam outra narrativa.

São os seguintes fatos destacados pelos pesquisadores locais: há uma fase de domínio espanhol, da criação de Ontiveros (1554) ao ataque dos bandeirantes paulistas (1630/32), como início da ocupação da região, principalmente em virtude da transferência de Vila Rica do Espírito Santo para junto à confluência do rio Corumbataí no Ivaí, na região do atual município de Fênix que hoje faz parte da região de Campo Mourão. Porém, a ocupação espanhola não se efetiva nessa região. Estamos no século XVII.

Elege-se um novo começo para a história da região quando ocorre o deslocamento das expedições exploratórias de Afonso Botelho (1765-1775) que *descobrem e batizam* esse território como os Campos do Mourão. Mas novamente a história não continua porque não houve povoamento efetivo luso-brasileiro na região. Estamos no século XVIII. Houve um *hiato* histórico entre 1732, fim da ocupação espanhola e 1775, fim da ocupação luso-brasileira na região.

Outro começo apontado foi a vinda de guarapuavanos (1880-1883) para uma tentativa de posses no local. No entanto, essa posse não se efetivou. Como se pode observar entre 1775 e 1883 há outro *hiato* na narrativa da história da região. Estamos no século em fins do século XIX.

A bibliografia local praticamente *crava* a vinda da família Pereira em 1903 como início oficial da ocupação da região de Campo Mourão. Houve, portanto esse pequeno *hiato* da história entre 1883 a 1903. Estamos no início do século XX. A partir desse momento a região inicia o seu surto de progresso, a *passos lentos*, porém *firmes* até a década de 1930, mas o desenvolvimento rápido e efetivo se procede a partir da década de 1940, principalmente com a criação e emancipação do município de Campo Mourão em 1947.

Até 1947 os autores locais referem-se à região de Campo Mourão como um todo, ou seja, a Mesorregião Centro-Occidental Paranaense. Após a emancipação do município os autores locais tendem a direcionar sua discussão mais aos acontecimentos específicos da história do município de Campo Mourão porque nas décadas de 1950 e 1960 algumas localidades começam a se emancipar e desmembrar-se do município de Campo Mourão.

Os geógrafos (2000 a 2010) utilizam essas etapas, mas tem a preocupação de inserir a história dos índios na história local como fazem, por exemplo, Yokoo (2013) e Onofre (2011) e outros. A tese de Carvalho (2008) se preocupa em inserir os lavradores pobres na história da região, não apenas como vítima dessa colonização, mas também como sujeitos. O antropólogo/historiador Mota (2008, 1994) insere o índio Kaingang como sujeito na história da colonização da região de Campo Mourão.

Um dos primeiros escritos mais organizados sobre a memória histórica local foi produzido a partir da obra *A futura capital* de 1975 de Francisco Irineu Brzezinski que fez um trabalho inicial e resumido para registrar as lembranças e relatos sobre a história de Campo Mourão sobre o chamado Município Modelo, *a gigantesca Campo Mourão* (BRZEZINSKI, 1975, p. 10-12). O autor apresenta uma série de elementos que julga ser pertinentes para que Campo Mourão se transforme na futura capital do estado do Paraná e que o dia 10 de outubro de 1947 foi o marco da civilização e exalta a coragem e a luta incessante da população local (VEIGA e SANTOS JR., 2009, p. 110-111).

Praticamente toda a bibliografia local segue a exaltar a luta dos *pioneiros* no desenvolvimento e progresso local. Isso ocorre em Valderi Santos em *Formação histórica do território da microrregião de Campo Mourão*. Já no início do seu texto o autor faz um elogio aos pioneiros que como uma espécie de heróis que “nunca recuavam (1995)” avançavam pelos sertões mourãoenses trazendo desenvolvimento e progresso.

Outros autores como Edina Conceição Simionato além de escrever vários livros tem um programa que se chama *Um Passeio pela Memória* em que pretende despertar nos visitantes do local “a valorização e o respeito pelos nossos antepassados, além de contar sobre o início da colonização e conscientização sobre a História e a Memória de um povo (2010, p. 389-390)”.

Milton Luis Pereira enaltece a pesquisa feita por Pedro da Veiga em *Campo Mourão: centro do progresso* (1999) que “decifrou experiências das várias etnias, alicerce ideológico do esforço construtivo e intelectual, alavanca virtuosa da sociedade mourãoense (1999, p. 13)”. Jair Elias dos Santos Júnior em suas obras também destaca o desenvolvimento e progresso de Campo Mourão. Por exemplo, Pedro da Veiga e Santos Jr. em *Oratórias Históricas* de 2009 procuram narrar os momentos decisivos da história de Campo Mourão por intermédio dos discursos que

“representam o pensamento e a ideologia dos personagens que fizeram a história de Campo Mourão, durante as últimas décadas. Mostra de forma cristalina a nossa evolução”. Para os autores esses discursos da posse e despedida dos mandatários de 1963 a 2009 simbolizam o desenvolvimento do município e “é uma maneira de entender e aprofundar o conhecimento da nossa própria identidade e como o pensamento destes agiu sobre os mourãoenses (2009, p. 11-12)”.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A forma de condução da análise das narrativas consultadas que *contam* a história da colonização da região de Campo Mourão (1900-1960) remetem a pensar em algumas considerações. Embora as produções das narrativas se diferenciem pelo tempo e lugar, as perspectivas são construídas a partir de um mesmo conjunto de informações e tratam de um mesmo período da história. Porém, mesmo assim, não há consenso interpretativo no encaminhamento e na conclusão das análises dos autores. Por que isso acontece?

Acredito que a formação intelectual distinta e por escreverem em outros períodos, embora *falem* de um mesmo objeto, influencie no encaminhamento e na formulação de suas análises e conclusões desses autores.

Essas produções em tempos e lugares distintos conduziram essa minha proposta de divisão dessas narrativas em quatro perspectivas diferentes. Lembramos que essa divisão é apenas uma referência possível para o encaminhamento da análise do objeto de estudado. Contudo, parece-nos que as perspectivas se entrelaçam com a formação dos autores, ao tempo da sua produção, mas muito mais ao lugar de onde parte essa produção. Para Michel de Certeau (2011) o saber produzido está “ligado a um poder que o autoriza”, quando ele afirma que há o imperativo da escrita e dos que escrevem a história e outros, além de historiadores, concorrem e reivindicam o direito a escrita da história local. Como disse Certeau:

Seja qual for a historiografia ou etnologia, permanece sempre o sintoma ou a bandeira do meio que a elabora. Isso até mesmo nos seus métodos técnicos. Desse modo, nossa historiografia privilegia os documentos escritos, isto é, interessa-se somente pela categoria social que é homogênea à dos autores e dos leitores dessa história. Na verdade, 99% da população de que falam nossas histórias não escreve. O discurso historiográfico impõe como história *da* sociedade uma tautologia que faz com que sempre “os mesmos” (aqueles que escrevem) os autores, os leitores e os privilegiados por esses estudos. Todo o “resto” é silenciosamente reprimido por esse círculo do “mesmo” (2011, p. 157).

Nessas produções os autores buscam *resgatar* objetos *esquecidos* e mostrar que eles sempre existiram e que a seu entender foram ocultados ou pouco evidenciados pela história. Por isso acreditam ser importante a produção do conhecimento histórico

sobre a colonização da região. Os objetos sobre os quais narram se por um lado, denunciam este pertencimento à história do pensamento, por outro deixam evidentes um outro aspecto importante da narrativa: ela denuncia a criação, o modo de unir metáforas e leituras local. Do mesmo modo ela exclui os sujeitos sobre os quais se fala, pois há um terceiro que fala sobre eles. As narrativas escritas tem este poder de presentificar sujeitos e ou acontecimentos que estão ausentes e criar uma falsa compreensão da presença. Por isso são escritos.

Para Certeau (2011, p. 80) o lugar de onde se fala ou de onde falamos interfere politicamente na maneira de conduzir nossa investigação que se pretende científica, neutra e isenta de influências externas de poder. De onde *falaram* esses autores se tornou uma prática essencial para compreender a produção dessas narrativas e a proposta de divisão em perspectivas. As informações e os elementos que o autor agrega a seu texto parecem só colaborar com o *sentido* que ele quer dar a sua interpretação. Hayden White, por exemplo, em alguns excertos sustenta determinadas semelhanças entre os relatos históricos e os literários. Por exemplo: “as narrativas históricas (...) são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto *inventados* quanto *descobertos* e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências (2001a, p. 98, grifo original)”.

Isolamos as narrativas em quatro grupos porque percebemos que os discursos dentro de cada grupo possuem certa coesão na forma de tratar a história da colonização. O que colabora com a afirmação da influência maior do lugar de produção, a priori, nesse caso estudado, porque embora as narrativas locais (1975 a 2010) temporalmente estão mais próximas das produções das narrativas dos geógrafos (2000 a 2010) e do antropólogo e historiador (1990 a 2008), o encaminhamento e as conclusões sobre a história da colonização se aproximam mais dos geógrafos das décadas de 1950 a 1980 que também se distanciam da perspectiva dos geógrafos mais contemporâneos e do antropólogo e do historiador consultado.

Os escritores locais, formados em advocacia, jornalismo, pedagogia e história, seguem uma linha de interpretação mais parecida com os geógrafos das décadas de 1950 a 1980. Um problema que faz pensar é até que ponto a formação intelectual de cada autor e o tempo são fatores preponderantes na produção dessas narrativas. Neste caso, mesmo distantes temporalmente a interpretação se aproxima, porém as formações intelectuais são distintas. O estudo desse caso pode contribuir para entender como fronteiras e/ou barreiras de interpretação são construídas, mesmo tendo como referência um mesmo objeto de estudo.

As narrativas construídas sobre a história da colonização da região de Campo Mourão partem de autores das mais variadas áreas das ciências humanas e sociais. Muitas dessas narrativas foram difundidas por revistas científicas, em dissertações,

em teses e em livros com créditos universitários. Outras produções de número considerável surgiram a partir da iniciativa particular e em sua maioria as obras locais foram financiadas pela prefeitura municipal de Campo Mourão e seus órgãos. Embora alguns historiadores possam estabelecer critérios para diferenciar essas produções, acredito que todas perfazem um mesmo caminho de mediação “com a sociedade presente e com a morte, através da mediação de atividades técnicas”, como afirma Certeau (2011a) não há como “suprimir a *particularidade* do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação (p. 45)”. Essa constatação de Certeau, que o lugar social e cultural é uma “marca indelével” da produção do historiador, pode ser estendida há outros sujeitos que também produzem narrativas sobre a história da colonização da região de Campo Mourão. Para mim a *ressuscitação dos mortos* é uma tarefa que se estende por essas várias narrativas. Como disse ou autor:

[...] Mas receptível é apenas a teoria que articula uma prática, a saber, a teoria por um lado abre as práticas para o espaço de uma sociedade e, que, por outro lado, organiza os procedimentos próprios de uma disciplina. Encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *lugar* (um recrutamento, um meio, uma profissão etc.), *procedimentos* de análise (uma disciplina) e a construção de um *texto* (uma literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’. Nessa perspectiva, gostaria de mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um *lugar social*, de *práticas* ‘científicas’ de uma *escrita*. Essa análise das premissas das quais o discurso não fala, permitirá dar contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto (CERTEAU, 2011a, p. 46-47).

Não pretendeu-se fazer uma hierarquização dessas narrativas e a classificação que impetrei tem como objetivo demonstrar que, como nos ensina Certeau, não há narrativa carregada de espontaneidade e que “toda uma organização supõe uma repressão (2011, p. 81)”. Saber de onde essa narrativa fala se torna peça chave para entender o do porque da possibilidade dessa variedade de interpretação de um mesmo objeto de estudo. O tempo, o lugar social e cultural, nos ajuda a compreender a fundamentação do objeto estudado.

Pretendemos mostrar que as narrativas sobre a história da colonização de Campo Mourão, independente da formação intelectual dos autores serem distintas, são influenciadas: ou pelo tempo em que elas foram produzidas, ou pelo lugar de onde falam, ou pelo método da pesquisa, ou pelos acontecimentos e/ou pelas experiências culturais que o autor está vivenciando. A busca de *verdades no objeto* continua.

REFERÊNCIA

- ANDRADE, Áurea Andrade Viana de. **Poder, Estado e Capital nos Processos Des-Re-Territorialização no campo na microrregião geográfica de Campo Mourão-Pr.** 2013. 310p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá.
- BERNARDES, Lysia Maria Cavalcanti. Crescimento da população do Estado do Paraná. In: CARVALHO, Márcia Siqueira de. FRESCA, Tânia Maria. **Geografia e Norte do Paraná: um resgate histórico.** Londrina: Edições Humanidades, 2007.
- _____, Lysia Maria Cavalcanti. O problema das “frentes pioneiras” no Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Geografia.** v. 15, n. 3, jul.-set. p. 3-52, 1953.
- _____, Lysia Maria Cavalcanti. Crescimento da população do Estado do Paraná. In: **Revista Brasileira de Geografia.** n. 2. Rio de Janeiro: IBGE, 1951.
- _____, Lysia Maria Cavalcanti. Expansão do povoamento do Estado do Paraná. **Revista Brasileira de Geografia.** Out/Dez, 1952. Rio de Janeiro: IBGE, nº 14, 1953.
- BOURDIEU, P. **Economia das Trocas Linguísticas.** São Paulo: Edusp, 1996.
- BRZEZINSKI, Francisco Irineu. **A futura capital.** Curitiba: Editora Juruá, 1975.
- BRZEZINSKI, Iran Roberto. **Campo Mourão.** Campo Mourão: ICTF – Instituto de Terras, Cartografia e Florestas do Paraná, 1987.
- CARVALHO, Ely Bergo de. **A Modernização do sertão:** terras, florestas, Estado e lavradores na colonização de Campo Mourão, Paraná, 1939-1964. 2008. 344p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense, 1982/2013.
- COELHO JR. **Pela selva e rios do Paraná.** Curitiba: Guairá, 1946.
- COSTA, Odah Regina Guimarães. Planos de Colonização oficial aplicados, a partir da década de 1930, em zonas pioneiras e de povoamento, no estado do Paraná. In: **Anais do VII Simpósio Nacional de Professores Universitário de História.** São Paulo: ANPHU, 1976.
- HAHN, Fábio A.; BALLER, Leandro. Um olhar a fronteira: os relatos do sertanista Edmundo Alberto Mercer. **Revista TEL: Tempo, Espaço e Linguagens,** Irati, v. 8, n. 1, p. 83-102, jan/jun. 2017.
- HESPANHOL, Antonio Nivaldo. A formação sócio-espacial da região de Campo Mourão e dos municípios de Ubitatã, Campina da Lagoa e Nova Cantu – PR. **Boletim de Geografia.** Maringá, v. 11, n.1, p. 17-28, dez. 1993.
- _____, Antonio Nivaldo. **O binômio soja/trigo na modernização da agricultura do Paraná:** o caso dos municípios de Ubitatã Campina da Lagoa e Nova Cantú. 1990. 223p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1996.
- LARA, João Maria. **Campo Mourão: 100 anos de desbravamento – 1903-2003.** Campo Mourão: Kromoset, 2003.
- MARQUES, Victor Raoni de A. **Nos Campos do Mourão.** Campo Mourão: Edição do Autor, 2013.

MASSOQUIM, Nair Gloria. **Clima e paisagem da Mesorregião Centro- Ocidental Paranaense**. 2010. 398p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Física. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

MOTA, Lúcio Tadeu. **As guerras dos índios Kaingang**: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924). Maringá: EDUEM, 1994.

_____, Lúcio Tadeu & NOVAK, Éder da Silva. **Os Kaingang do vale do rio Ivaí** – Pré-história e relações interculturais. Maringá: Eduem, 2008.

MELLO, Nelci Veiga. **Caminhadas Vermelhas**. Campo Mourão, 2010.

ONOFRE, Gisele Ramos. **Campo Mourão**: colonização, uso do solo e impactos sócioambientais. 2005. 206 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá. p. 43 pautando-se em: INSTITUTO DE TERRAS, CARTOGRAFIA E FLORESTAS. Referências históricas. Curitiba, 1959.

ONOFRE, Gisele Ramos. **Capital e COAMO** – Agroindustrial Cooperativa: a formação de um território. 2011. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo.

PAGLIARINI JÚNIOR, Jorge. Histórias dos municípios narradas nos seus sites oficiais: a História Pública e seu potencial para a pesquisa histórica. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 9, n. 20, p. 247 - 266. jan./abr. 2017.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Vol. 2 n. 3. Revista Estudos Históricos, 1989.

REVEL, Jacques. (Org). **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

ROCHA, Arléto; KLEIN, João Carlos; BASSI, Luiz Wanderley. **História de famílias de Peabiru-Pr. Mafra-Peabiru (PR)**: Editora Kromoset, 2012.

SANTOS, José Carlos dos. **Construir fronteiras**: nacionalismo e territorialismo no Paraná dos séculos XIX e XX. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2014.

SANTOS JÚNIOR, Jair Elias. **A história da Câmara Municipal de Campo Mourão: 1947-1963**. Campo Mourão (PR): Sisgraf, 2006.

_____. Jair Elias. **A história da Câmara Municipal de Campo Mourão: 1964-1976**. Campo Mourão (PR): Kromoset, 2006.

_____. Jair Elias. **Horácio Amaral**: Exemplo e Desafio. Campo Mourão (PR): Kromoset, 2005.

_____. Jair Elias. **Patrimônio Cultural**: um retrato de Campo Mourão. Campo Mourão (PR): Kromoset, 2010.

_____. Jair Elias. **A evolução e a História dos símbolos do Município de Campo Mourão**. Campo Mourão (PR): Kromoset, 2005.

_____. Jair Elias. **Campo Mourão no Japão**: abrindo os “caminhos do Oriente”. Campo Mourão: Kromoset, 2006.

_____. Jair Elias. **Oratórias Históricas**. Campo Mourão: Gráfica Mourão, 2009.

SANTOS, Valderi. **Formação histórica do território da microrregião de Campo Mourão** (a origem de seus 24 municípios). Curitiba: CompuArt's – Composições Eletrônicas S.C. Ltda, 1995.

SARTORI, Rubens Luiz (Org). **Histórico de Campo Mourão**. Trabalho acadêmico do Curso de Ciências Contábeis, 1984.

SILVA, Ivanete pereira Martins da. **Dinâmica populacional e produção do espaço de Campo Mourão – PR – A espaço temporalidade de um núcleo polarizador**. 167 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2008.

SIMIONATO, Edina Conceição. **Campo Mourão: mulheres que fizeram história**. Campo Mourão: Kromoset, 2010.

____. Edna Conceição. **Campo Mourão – 50 anos no espiral do tempo**. Campo Mourão: Nerygraf, 1997.

____. Edna Conceição. **Campo Mourão: Sua gente... Sua história**. Campo Mourão: Kromoset, 1996.

____. Edna Conceição. **Campo Mourão: Sua gente... Sua história**. Campo Mourão: Kromoset, 2008.

SORIANO, Sara Mônica Pitot. **Expropriação e violência: a luta dos trabalhadores rurais pelo acesso à terra (Campo Mourão: 1946-1964)**. 2002. 143 p. TEIXEIRA, Joani. **Nossa história, nossas vidas, nossas viagens**. Campo Mourão: Kromoset, 2012

TEIXEIRA, Juliana Carolina. **O turismo e o mundo do campesinato na mesorregião centro-ocidental paranaense**. 2011. 135 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá.

TEIXEIRA, Murilo Walter. **Estrada boiadeira**. Guarapuava: Monjolo, 2001.

YOKOO, Edson Noriyuki. **Processo da dinâmica das frentes de ocupação territorial e da paisagem agrária na mesorregião centro-ocidental paranaense**. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Maringá. Maringá: UEM, 2013.

VEIGA, Pedro da. **Campo Mourão: centro do progresso**. Maringá: Bertoni, 1999.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos - Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista *ad hoc* de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0002-5472-8879. E-mail: <awsvasconcelos@gmail.com>.

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos - Mestra em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Licenciada em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2018). Bacharela em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2016). É Professora de Literatura no Ensino Fundamental do Colégio Externato Santa Dorotéia, João Pessoa. Advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direitos humanos, direitos sociais, direitos das minorias), Literatura (literatura e sociedade, literatura e cultura, literatura e história, estudos pós-coloniais, guerra de independência, literatura portuguesa, literaturas africanas de língua portuguesa), Linguística (ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Vinculada a grupo de pesquisa devidamente cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: orcid.org/0000-0003-1179-999X. E-mail: <thamiresvasconcelos.adv@gmail.com>.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agir comunicativo 116, 118, 127

América latina 16, 25, 26, 32, 35, 66, 73, 107, 137, 166, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 249, 275, 276, 277, 281, 284, 285, 286, 287

Áreas urbanas 88

Argentina 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 27, 32, 33, 64

Assistência estudantil 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Avaliação 82, 84, 87, 90, 99, 103, 104, 108, 113, 119, 120, 121, 289, 290, 292, 301

B

Brasil 2, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 27, 32, 34, 36, 37, 39, 44, 47, 48, 69, 73, 79, 81, 82, 83, 84, 88, 98, 99, 100, 101, 105, 106, 107, 110, 113, 117, 118, 126, 133, 134, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 150, 180, 182, 186, 187, 196, 197, 199, 204, 209, 211, 218, 222, 240, 241, 243, 254, 299, 303, 304

C

Cataluña 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

Ciências humanas 57, 60, 100, 101, 142

Colonização 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 175, 177, 182, 183, 187, 188, 195

E

Educação 14, 22, 23, 33, 46, 99, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 132, 149, 196, 198, 200, 202, 209, 212, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 304

Empresa 2, 5, 66, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296

Espaço 7, 28, 29, 30, 34, 35, 36, 40, 46, 51, 53, 58, 59, 61, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 85, 97, 111, 118, 119, 122, 125, 126, 131, 142, 167, 168, 173, 176, 181, 188, 189, 197, 198, 205, 207, 234, 235, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 252, 253, 256, 261, 265, 289, 290, 301

Estado 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 51, 52, 53, 55, 59, 64, 65, 78, 88, 102, 107, 110, 116, 128, 129, 130, 131, 133, 138, 139, 142, 150, 154, 160, 162, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 197, 204, 207, 209, 211, 228, 235, 248, 286, 293, 304

F

Feminismo 27, 28, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 267

G

Gênero 25, 26, 28, 29, 30, 32, 35, 36, 45, 46, 48, 136, 139, 142, 214, 215, 227, 228, 229, 230, 240, 241, 255, 259, 266, 267

I

Identidade 25, 26, 28, 29, 30, 31, 36, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 46, 56, 74, 139, 149, 166, 176, 178, 179, 182, 183, 189, 191, 192, 193, 194, 197, 200, 202, 206, 212, 225, 262, 267, 292, 301, 304
Infantil 31, 149, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 211

L

Liberdade 18, 21, 31, 39, 71, 135, 136, 137, 138, 142, 153, 169, 171, 178, 183, 209, 225, 226, 276, 280, 281, 283, 285
Livro 16, 31, 36, 74, 78, 184, 201, 204, 208, 222, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 253, 254, 256, 257, 271, 276, 277, 281, 287

M

Machismo 38, 39, 40, 41, 43
Maternidade 30, 151, 152, 153
Migrações transnacionais 1

P

Plano diretor 62, 63, 64
Prática 5, 11, 16, 30, 31, 53, 57, 58, 71, 74, 119, 120, 121, 123, 126, 130, 136, 137, 174, 175, 179, 183, 191, 192, 193, 196, 209, 214, 215, 224, 240, 279, 289, 290, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 302, 303, 304
Publicidade 74, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212

R

Religioso 11, 168, 170, 171, 174, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 276

S

Saúde 32, 33, 64, 103, 109, 110, 111, 113, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 146, 154, 289, 290, 295
Sociologia 1, 2, 4, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 16, 142, 271, 273, 274, 282
Subjetividade 38, 39, 41, 45, 47, 200
Suicídio 15, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

T

Teologia da libertação 275, 276, 277, 278, 279, 281, 283, 284, 285, 287
Teoria 4, 7, 22, 28, 31, 36, 45, 58, 75, 102, 127, 171, 182, 193, 222, 224, 254, 268, 304

